

*João Pedro Steinhauer Motta*

## **Olhos abertos**

No fim de 2019 as escadarias do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF) apareceram pintadas com frases do livro “Ensaio sobre a cegueira” de José Saramago. Tratava-se da intervenção artística (RE)PARE, do grupo Arte na Veia, composto por alunas e professoras da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ. É no mínimo intrigante que as frases escritas pelo Nobel de Literatura em um romance que relata de maneira trucidante o aparecimento e progressão de uma infecção que provoca cegueira nas pessoas acometidas tenham sido pintadas de tinta vermelha nas paredes do hospital no exato instante pré-pandemia. São demais os elementos contidos na obra escrita pelo português há 25 anos que foram vivenciados durante a Pandemia COVID-19. Confinamento, fechamento de fronteiras, incertezas, medo, etc. “O medo cega... são palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos”.

Em 05.03.2020, a Secretaria Estadual de Saúde (SES) do Rio de Janeiro confirmou o primeiro caso de COVID-19 no estado. A visão de um prognóstico claramente sombrio sobre a Cidade Partida assombrava a todos. Se acreditávamos sermos capazes de um combate digno na porta de entrada do vírus (Zona Sul, Barra da Tijuca e Grande Tijuca), com possibilidade de distanciamento social e capacidade instalada adequada de leitos de terapia intensiva para os pacientes gravemente enfermos na rede privada, como reagir no restante da cidade que parece nunca ser realmente enxergado por nós? Seríamos o laboratório mundial da COVID-19 para comunidades vivendo aglomeradas em favelas com péssimas condições de saneamento básico, associadas a um sistema de saúde público (SUS) combalido e depredado por seguidas gestões governamentais incompetentes. Passados mais de 4 meses a pandemia parece arrefecer no Rio de Janeiro, com queda de novos casos e óbitos nas últimas semanas, não sem antes deixar um rastro doloroso de mais de 135.000 casos e 12.000 mortes.

Se, nas palavras de Saramago, já éramos cegos no momento em que cegamos, teria o medo nos feito continuar cegos? É triste constatar que a escuridão se impôs em diversos aspectos durante os últimos meses: a ausência de uma estratégia de combate à pandemia pelo governo central e incapacidade de orientação dos rumos a serem seguidos pelos entes estaduais e municipais da federação, a incompetência e improbidade no planejamento e funcionamento dos hospitais de campanha sob responsabilidade do Estado e Prefeitura do Rio de Janeiro, o superfaturamento de compras emergenciais, a lotação dos meios de transporte públicos, o egoísmo de parte da sociedade, incapaz de seguir medidas de isolamento para proteger o próximo ao mesmo tempo que estacionava em filas de farmácias e mercados para estocar cloroquina, álcool gel ou mesmo papel higiênico. Enfim, o nosso breu de todos os dias seguiu denso e escuro enquanto batemos cabeças no pandemônio habitual brasileiro.

É preciso, entretanto, perceber que, curiosamente, não seguimos à risca esse “Ensaio sobre a Cegueira”. Teria, em certa medida, o medo feito exatamente o oposto do escrito pelo português, fazendo-nos enxergar ao invés de cegar? Não foram poucas as luzes acesas de março para cá. A linha de defesa ao SARS COV-2 representada pela rede privada hospitalar soube responder ao ataque inicial do vírus com competência para aumento necessário do número de leitos de terapia intensiva, capacidade de isolamento de pacientes suspeitos e comprovadamente infectados, redução das atividades eletivas e, principalmente, capacidade de geração de conhecimento na beira do leito, com melhoria no atendimento aos pacientes graves, independente de modelos de tratamento apresentados por outros países. A inédita resposta apresentada pela sociedade civil ofereceu enorme ajuda para o enfrentamento na rede pública, responsável pela maioria da população amparada pelo SUS. A construção e gestão de 2 hospitais de campanha, a criação e

reativação de leitos de enfermagem e terapia intensiva em hospitais públicos, assim como doação de EPIs e equipamentos, tudo em quantidade e tempo hábil para viabilizar o atendimento dos pacientes acometidos pela COVID-19, são exemplos da força coletiva que descobrimos ao apagar das luzes. O brilho renovado das Universidades, Hospitais Universitários e Institutos de Pesquisa, voltando ao necessário protagonismo que jamais deveria ter sido retirado, pois são os vetores iluministas de um país que precisa gerar Assistência, Ensino e Pesquisa. As equipes de saúde compreenderam seu papel e, em grande maioria, participaram de peito aberto das linhas de frente de atendimento com escalas extras, substituições e atividades não usuais com inequívoca empatia aos pacientes e familiares vítimas de uma doença caracterizada pelo grande sofrimento físico, mental e emocional proporcionados pela necessidade do isolamento. Por último, cabe ressaltar as duras lições que parecem ter sido assimiladas rapidamente pelos médicos nesse momento difícil em que a escuridão do mundo pesou nas costas e não havia um letreiro iluminado apontando a saída de emergência. Foi preciso se agarrar ao conhecimento adquirido e ao método científico, mesmo quando as tradicionais fontes de informação titubearam na ansiedade de publicar novidades. Lembrar que aprendemos a ler o paciente e também o artigo científico. Ter humildade para aceitar o desconhecimento e trabalhar com características únicas de cada paciente para buscar melhores opções terapêuticas. Perdemos muitos, e foi sofrido sentir algumas derrotas que não estávamos prontos para aceitar. Ganhamos outros tantos e relembramos que temos também o direito de comemorar. Mas não deixamos em momento algum nossa vela de esperança se apagar.

Passaram-se tantos meses de pandemia e não é possível dizer quantos capítulos enfrentaremos nesse livro ainda aberto. As escadarias do Hospital Universitário já não ostentam as frases de Saramago em tinta vermelha, no lugar ficou o cheiro de tinta fresca exalado por um hospital que parece teimar se reacender. Vivemos o breu e vislumbramos a claridade em poucos meses. Seria a cegueira um estado voluntário? O português parece deixar uma lição: "Se eu voltar a ter olhos, olharei verdadeiramente os olhos dos outros, como se estivesse a ver-lhes a alma".

*João Pedro Steinhauser Motta*  
Diretor Científico da SOPTERJ